

As interfaces da cultura e educação básica: a mediação na formação do leitor

Especialização em Educação e Cultura
Camila Ulmer da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
camila-silva02@uergs.edu.br

Resumo: O presente artigo apresenta o trabalho desenvolvido em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Caxias do Sul, com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, durante o projeto Passaporte da Leitura, que ocorreu no mesmo período que a Feira do Livro no Município. Com o objetivo de analisar como esse projeto incentivou o conhecimento de culturas, a formação de leitores na referida turma e em que medida a mediação leitora proposta pelo referido projeto interfere na formação desses pequenos leitores, utilizei como base a pesquisa bibliográfica realizada através de publicações na área da leitura, da mediação leitora e ramificações, fichamento e referenciação, tendo como apoio teórico os estudos de Eliana Yunes, Clifford Geertz, Maria Alice Faria, Maria Amélia Dalvi, Mariah Dinorah, Nelly Novaes Coelho e Rildo Cosson. Juntamente com essas teorias, foi possível observar e analisar que o Passaporte da Leitura contribuiu na formação do leitor nessa turma e foi útil na utilização da literatura como estímulo a novos conhecimentos e na aproximação do leitor e do escritor.

Palavras-chave: Formação do leitor. Cultura. Passaporte da Leitura.

Abstract: This article presents the work developed in a municipal school in the city of Caxias do Sul, with a 1st grade class, during the Reading Passport project, which took place at the same time as the Book Fair in the city. In order to analyze how this project encouraged knowledge of cultures, the formation of readers in this class and the extent to which the reading mediation proposed by this project interferes in the formation of these little readers, I used bibliographical research based on publications in the area of reading, reading mediation and its ramifications, filing and referencening, with theoretical support from studies by Eliana Yunes, Clifford Geertz, Maria Alice Faria, Maria Amélia Dalvi, Mariah Dinorah, Nelly Novaes Coelho and Rildo Cosson. Together with these theories, it was possible to observe and analyze that the Reading Passport contributed to the formation of the reader in this class and was useful in using literature as a stimulus to new knowledge and in bringing the reader and the writer closer together.

Keywords: Reader education. Culture. Reading Passport.

Introdução

Este artigo apresenta o trabalho desenvolvido em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Caxias do Sul, com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, durante o Passaporte da Leitura, projeto desenvolvido no período em que ocorreu a Feira do Livro no Município. O objetivo principal desta pesquisa é analisar como o Passaporte da Leitura incentivou o conhecimento de culturas e a formação de leitores na referida turma, através de leituras mediadas em sala de aula e das atividades propostas, bem como das contações de

histórias que foram realizadas. Assim, pretende-se investigar em que medida a mediação leitora proposta pelo referido projeto interfere positivamente na formação de leitores.

A análise apoia-se em uma pesquisa bibliográfica de publicações na área da leitura e da mediação leitora e suas ramificações (formação do leitor; Feira do Livro; Passaporte da Leitura; literatura na escola), fichamento e referenciação. Além da pesquisa bibliográfica realizada, o trabalho destaca a mediação desenvolvida com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, na qual trabalhei com esse projeto, utilizando contação de histórias e discussões das obras que foram selecionadas para a escola onde atualmente atuo como professora.

O Passaporte da Leitura é uma realização da Diretoria do Livro, Literatura e Leitura da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul, por meio do Programa Permanente de Estímulo à Leitura (PPEL), objetivando o incentivo à cultura. Foi criado em 2005 e já envolveu mais de 186 mil estudantes, 224 autores vindos de diferentes partes do Brasil e distribuiu mais de 14 mil livros para cerca de 500 escolas e instituições. Em 2017, o projeto recebeu o prêmio Associação Gaúcha de Escritores (Ages) na categoria “Melhor ação de promoção da leitura”. O projeto não está vinculado ao Governo Federal, portanto, destaca-se os parceiros dessa iniciativa: Associação dos Livreiros Caxienses (ALCA), Racon Consórcios, Empresas Randon e Unimed Nordeste. Como se pode notar, há uma parceria público-privada, o que talvez tenha somado pontos ao incentivo à leitura e ao sucesso de oportunizar espaço de contato com livros, apresentações literárias e conversas com diversos escritores.

Na atual edição, da qual nossa escola participou, estiveram presentes 11 escritores, 44 escolas e, ao todo, foram distribuídos 924 livros. O passeio pelas obras de Anabella Lopes, Elaine Pasquali Cavion, Gláucia de Souza, Márcio Vassallo, Marta Lagarta, Otávio Júnior, Pedro Guerra, Renato Moriconi, Rosa Amanda Strausz, Simone Saueressig e Volnei Canônica começou com a leitura mediada em sala de aula e culminou em outubro, quando leitores se encontraram com os autores dentro da programação da 39ª Feira do Livro de Caxias do Sul. As escolas participantes deveriam ler obras de um dos autores, os quais eram sorteados entre todas as instituições envolvidas na ação. A escola em que atuo ficou com as obras de Otávio Júnior e os livros selecionados foram *Da minha janela* (2019) e *De passinho em passinho* (2021). A partir do recebimento dos livros, os professores realizaram trabalhos com os estudantes em sala de aula e, após o encerramento do projeto, as escolas receberam *kits* com livros de todos os escritores participantes para incorporarem em suas bibliotecas.

É significativo que os professores, antes de iniciarem o trabalho em sala de aula com as obras selecionadas pelo projeto, apropriem-se da teoria não somente da literatura que será

trabalhada, mas também da literatura referente às faixas etárias com as quais está atuando e de leituras que colaborem com a formação do leitor. Nesse sentido, discutirei neste trabalho a mediação que realizei tendo como aporte teórico os estudos de Yunes (2004), Geertz (2014), Faria (2008), Dalvi (2013), Dinorah (1995), Coelho (2013) e Cosson (2007).

A formação do leitor no Passaporte da Leitura com obras do autor Otávio Júnior em uma turma de alunos de 6/7 anos

O autor Otávio Júnior também é ator, contador de histórias e produtor teatral brasileiro, que ficou conhecido por abrir a primeira biblioteca nas favelas do Complexo do Alemão e no Complexo da Penha, no estado do Rio de Janeiro. A primeira obra de Otávio Júnior que foi trabalhada com a turma, *Da minha Janela (2019)*, traz a perspectiva do que o narrador vê de sua janela em uma favela do Rio de Janeiro: ele vê cores, traços, gestos, objetos e bichos cujas vidas podem ser parecidas ou diferentes da sua. Com uma narrativa sensível e com ilustrações cheias de vida de autoria de Vanina Starkoff, a obra ganha movimento e dimensão poética. *Da minha janela (2019)* é um convite para todos os leitores olharem para as vidas que os cercam, mas, muitas vezes, passam despercebidas.

A segunda obra lida foi *De passinho em passinho (2021)*, também de Otávio Júnior, um livro sobre a dança como uma forma de expressão que transforma sonhos em movimentos. Originado no Rio de Janeiro e misturando ritmos do funk, da capoeira, do samba e do frevo, o passinho tem ganhado cada vez mais dançarinos e participantes apaixonados, que levam às pistas, às competições e ao mundo um jeito único de dançar e se expressar. A obra ganha força e cores com as ilustrações de Bruna Lubambo e é um convite para que pequenos e grandes leitores se dispam de seus corpos cotidianos e se vistam de um corpo em movimento, mais sensível e permeável, através do embalo estético-poético facilitado pela obra.

Antes de começar a realizar o trabalho com os alunos, realizei as leituras das obras mencionadas e pesquisei sobre o Passaporte da Leitura. O que reafirmei com este trabalho é o que destaca Maria Alice Faria (2008) sobre a apropriação pelo professor acerca do material com o qual vai trabalhar:

O professor, para elaborar seu trabalho com a leitura de livros para as crianças, precisa ler primeiro essas obras como leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem pensar ainda na sua utilização em sala de aula. Em seguida, virá a leitura analítica, reflexiva, avaliativa, pois, como afirma o especialista francês Christian Poslaniec, “um livro não se resume ao seu estilo” e tanto o tema

como a linguagem do livro lido podem ser tratados de modo estereotipado ou criativo. Poslaniec propõe uma noção de “riqueza” na hora de selecionar os melhores livros a serem levados à sala de aula: são aqueles que utilizam de maneira criativa várias instâncias, oferecendo ao leitor várias ocasiões de penetrar na estrutura profunda da obra (Faria, 2008, p. 14).

Ao levar em consideração os apontamentos de Faria, iniciei as atividades com os livros, primeiramente explicando para os alunos sobre o que é o projeto Passaporte da Leitura, presente na Feira do Livro, e qual seria o autor e obras que iríamos realizar leituras e trabalhos.

Considerando-se que é através de livros e de outros artefatos tecnológicos que temos contato com as culturas, Geertz (2014) menciona a contribuição do desenvolvimento tecnológico para a interação entre as culturas diversificadas. Atualmente, por meio de televisão e internet, tudo o que acontece em um determinado país pode ser visto em qualquer outro lugar do mundo. Da mesma forma, nesse mundo globalizado e interligado, não temos mais espaço para uma só cultura, e sim para culturas múltiplas.

Assim, iniciei o trabalho com os estudantes apresentando um pouco da biografia do autor, utilizando com recurso alguns vídeos do *Youtube*¹, nos quais ele fala um pouco sobre sua vida e discute alguns elementos breves de suas obras. Esse foi um passo importante para o que acredito ser a motivação para a leitura. Segundo Rildo Cosson (2007, p. 77), “[...] a motivação consiste em uma atividade de preparação, de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido”. Assim, após motivar os alunos, realizei a leitura do primeiro livro, *Da minha janela* (2019), que é um livro ilustrado componente vivo e fundamental nos livros para a infância. Nesse sentido, Maria Alice Faria destaca:

Em livros com pequenos textos, a ilustração é fundamental para mostrar o espaço da história. Durante a conversa com os alunos, na leitura coletiva do livro, deve-se chamar a atenção para os detalhes desses ambientes. Pequenas descrições pontuais (oralmente ou por escrito) podem ser feitas, e devidamente bem entrosadas com as narrativas, para não se transformarem em meras enumerações. Estas podem ser levantadas inicialmente para se ter uma ideia de tudo o que se vê na cena. Em seguida, seria preciso, para não sobrecarregar o texto oral ou escrito, selecionar aspectos importantes ou reveladores. Por exemplo: a sala de visita da avó de Luciana indica o ambiente de uma pessoa idoso: que elementos seriam esses? Os alunos podem ser estimulados a pensar em salas de suas próprias casas ou de outras pessoas que conhecem, ou mesmo que viram na televisão, em desenhos ou filmes. Todas essas observações podem ser aproveitadas na atenção quanto aos detalhes de ambientes dos livros (Faria, 2008, p. 146).

O livro apresenta breves textos verbais, contudo, as ilustrações colaboraram com as narrativas escritas, construindo uma outra narrativa, a visual, que contribui para mobilizar a

¹ Os links dos vídeos estão presentes nas referências.

curiosidade dos alunos durante a leitura. Após ler a obra, perguntei o que foi visto pela janela na narrativa e o que podemos ver da janela da nossa sala de aula. Também comentei que, às vezes, algumas coisas passam despercebidas pelas janelas devido à intensa rotina em que vivemos. Nesse sentido, o pesquisador espanhol Jorge Larrosa Bondía (2002) comenta que as experiências com a leitura não são significativas, por muitas vezes, porque os ruídos externos nos atrapalham e não ouvimos o silêncio interior reverberar as leituras que fizemos. O autor destaca que algo deve nos passar, nos atravessar; não podemos ser os mesmos depois que lemos.

Em outro momento, realizei a contação da mesma obra utilizando o avental de histórias e, visivelmente, os alunos ficaram encantados com o colorido das ilustrações e ficaram mais atentos à narrativa contada. Como afirma Faria (2008), nos bons livros infantis ilustrados, o texto e a imagem se articulam de tal modo que ambos concorrem para a boa compreensão da narrativa, assim, é possível inferir que os livros com ilustração facilitam a compreensão da narrativa. Então, como atividade, propus que fizessem a dobradura de uma janela e desenhassem o que conseguiriam ver através de uma janela de sua casa. Essa tarefa foi realizada em casa e foi socializada com o grande grupo na aula posterior; alguns relataram que desenharam e que viram algo que nunca haviam percebido antes, isso mostra que estavam atentos à observação e à tarefa proposta.

O que ficou perceptível com essa ação mediadora é o que destaca Yunes (2004, p. 100): “[...] cabe ao professor o papel de mediador na aquisição do gosto pela leitura, à medida que, sendo também um apaixonado pela literatura e um bom contador de histórias, ele introduz o prazeroso, o lúdico, o expressivo”. O modo de conduzir a leitura tanto pode aproximar quanto repelir leitores. Esse processo mágico do qual os mediadores dos textos para a infância são responsáveis diretos fará toda a diferença na formação dos jovens leitores.

Depois de compartilharem o resultado de suas atividades, realizei uma roda de conversa, retomando com os alunos as perguntas presentes na última página do livro: “E se a sua janela fosse mágica e você tivesse o poder de criar coisas novas? O que gostaria de ver através dela?” (Júnior, 2019, p. X). Os alunos trouxeram várias respostas interessantes sobre alguns assuntos, como o sonho de ter uma piscina ou um parquinho em casa e todos os dias ver aquele objeto sonhado ao abrir a janela de seu quarto, por exemplo. Destaco os desejos materiais das crianças como um forte elemento a ser pensado, discutido e abordado. Acredito que a escola é, sim, o lugar onde se promovem os sonhos. Mas que sonhos estamos auxiliando a construir? Não podemos reforçar a ideia de que somos apenas seres biológicos e que

nossa função é trabalhar para ganhar a vida e adquirir coisas; somos mais do que isso, somos seres afetivos, seres pensantes e que sentem, acima de tudo. Somos animais poéticos.

A segunda obra, *De passinho em passinho*, de Otávio Júnior (2021), foi apresentada também através do livro ilustrado, no qual Bruna Lumbambo trouxe ilustrações coloridas e exemplificações dos tipos de passinhos. Cabe destacar que, por estarmos culturalmente distantes do Rio de Janeiro, é necessário esclarecer muito bem aos estudantes o significado da palavra passinho. Por isso, explicamos que o passinho é um estilo de dança urbana, criado e desenvolvido por jovens das favelas cariocas, que teve início nos bailes funk ao longo dos anos 2000. Conforme o artigo “História e a cena do passinho”, publicado no *Blog da Letrinhas* (2021), essa dança teve início num baile do complexo do Jacarezinho, no Rio de Janeiro, onde se popularizou e virou história neste livro. Os dançarinos se reuniam numa área específica do baile e se apresentavam em rodas, cada um mostrando suas coreografias, o que alimentava a competição entre eles. Um garoto dançava de um jeito, o outro via, copiava e tentava melhorar a dança — o que os cariocas chamam de “charingar”. Isso acontecia tanto nas rodas dentro dos bailes quanto depois, por meio de vídeos que eram postados na internet. Conversar e exemplificar foi muito importante porque proporcionou aos leitores uma compreensão significativa durante a narrativa.

Ao terminar a leitura, perguntei se conheciam algum passinho presente na obra e, para os alunos, todos eram novidade. Então, cada um representou através de escultura com argila o passinho que achou interessante e fizemos uma exposição na escola. Além disso, a professora de Educação Física realizou uma aula de dança utilizando os passinhos presentes na obra.

No dia seguinte, fiz a contação dessa história através do varal de histórias, técnica que consiste em imprimir as imagens do livro e utilizá-las na contação, pendurando cada uma em um varal (barbante pendurado nas paredes) colocado na sala de aula pela professora com auxílio de prendedores de roupa. Há na obra a seguinte frase: “De passinho em passinho, um livro para dançar e sonhar”(Júnior, 2021, p. X). Trabalhei com a turma sobre os sonhos e como podemos, de “passinho em passinho”, concretizá-los. Então, os estudantes compartilharam seus sonhos e em uma roda de conversa disseram o que poderiam fazer para realizá-los. Para Rildo Cosson,

De modo didático, tomando-se a leitura como um fenômeno simultaneamente cognitivo e social, pode-se reunir as diferentes teorias sobre a leitura em três grandes grupos: O primeiro está centrado no texto – Nesse caso, ler é um processo de extração do sentido que está no texto – decifrar letras e palavras ... o domínio do código é a condição básica para a efetivação da leitura , já que feita a decodificação o leitor terá apreendido o conteúdo do texto (antecipação); O segundo grupo toma o

leitor como centro da leitura – é o leitor que elabora e testa hipóteses sobre o que está no texto. Por isso, a leitura depende mais daquilo que o leitor está interessado em buscar no texto do que as palavras que estão ali escritas (decifração); As teorias consideradas conciliatórias são aquelas que compõem o terceiro grupo. Para elas, o leitor é tão importante quanto o texto, sendo a leitura o resultado de uma interação. Trata-se de um diálogo entre autor e leitor mediado pelo texto, que é construído por ambos nesse processo de interação. O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social (interpretação) (Cosson, 2007, p. 39-40).

Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que transformam as relações humanas, e os três modos de compreender a leitura descritos por Cosson (2007), vistos como práticas sociais, devem ser pensados de forma linear. A primeira etapa, a antecipação, consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto propriamente dito. Nesse caso, são relevantes tanto os objetos da leitura, que levam o leitor a adotar posturas diferentes ante o texto — não lemos da mesma maneira um poema e uma receita de bolo — quanto os elementos que compõem a materialidade do texto, como a capa, o título, o número de páginas, entre outros. A leitura começa nessa antecipação que fazemos do que diz o texto.

A segunda etapa é a decifração. Entramos no texto através das letras e das palavras. Quanto maior é a nossa familiaridade e o domínio delas, mais fácil é a decifração e ela se configura como uma muralha praticamente intransponível para aqueles que não foram alfabetizados. E a terceira etapa, conforme apresentado por Cosson (2007), é a interpretação, que embora seja tomada como sinônimo da leitura, o centro desse processamento são as inferências que levam o leitor a entretecer as palavras com o conhecimento que tem do mundo. Por meio da interpretação, o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade.

Cosson (2007) destaca que, assim, a interpretação depende do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto, sendo que esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. Essa convergência se dá pelas referências à cultura na qual se localizam o autor e o leitor, assim como por força das restrições que a comunidade do leitor impõe ao ato de ler. O contexto é, pois, simultaneamente aquilo que está no texto, que vem com ele, e aquilo que uma comunidade de leitores julga como próprio da leitura.

Assim, no caso do trabalho aqui descrito, os pequenos leitores tiveram interações com ambas as obras, trazendo suas vivências e considerações nos momentos de escutas, compreensões, interpretações, diálogos e atividades realizadas.

Quando se traz à tona a temática da formação do leitor na escola, muito se tem ouvido sobre oferecer momentos de leitura para formar leitores. Ora, mas que leitor? Leitor que não lê literatura, que tem contato com simulacros ou chavões da história literária? Dalvi (2012, p. 109) considera que “Na perspectiva tradicional de formação do leitor, caberia ao ensino fundamental ‘despertar o gosto’ e, ao ensino médio, um aprendizado sobre a execução das obras e sobre a história literária”. Nesse sentido, cabe trazer presente o que o documento norteador do ensino básico, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) menciona o assunto no que trata do Ensino Fundamental: o Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para fruição estética de textos e obras literárias, pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos, realização de procedimentos, conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes. Além disso, o documento sustenta a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública, e se refere a ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. Além disso, é possível notar que a leitura no contexto da BNCC (Brasil, 2018) é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, tais como as apresentadas a seguir.

Assim, respaldados pelo documento norteador, a atividade realizada com a turma de 1º ano do Ensino Fundamental vai muito além de apenas “despertar o gosto”, conforme alguns autores trouxeram como critério essencial para formar leitor. A curiosidade, a ampliação do horizonte de expectativas dos pequeninos mantinha-se viva a cada novo encontro e atividade proposta. No decorrer do projeto, os alunos gostaram das leituras e queriam reler as obras trabalhadas, além de quererem saber mais sobre o escritor.

O projeto do Passaporte da Leitura oportunizou o contato dos alunos com o escritor, as leituras dos livros e atividades diversificadas. Além disso, contribuiu com a formação do leitor ao promover o diálogo, trocas culturais, despertar o interesse dos alunos e inspirar futuros leitores. Dessa forma, “a formação do pequeno leitor deve começar bem cedo, e prosseguir em gradativo aprofundamento, até o final de seu ciclo de estudo, na Escola. Disso depende que o seu convívio essencial com livro possa continuar fecundo pela vida afora” (Coelho, 1993, p. 9).

Uma das formas de desenvolver um trabalho de qualidade, incentivando diversos tipos de leitores, é através da mediação do professor, em momentos de Feira de Livro e projetos que estejam presentes nessa feira. Infelizmente, nem todas as crianças conseguem frequentar o evento com a família ou adquirir um livro devido à questões financeiras, assim, cabe à escola possibilitar que o estudante frequente esse espaço e tenha contato com as obras.

Mais recentemente, as feiras culturais ou feiras do livro ocupam um espaço especial no registro e divulgação das interpretações. Em algumas escolas, as feiras são patrocinadas pela biblioteca, que desenvolve projetos de leitura e aproveita o evento para divulgar suas atividades e serviços para a comunidade de alunos e pais. Tendo um caráter geral ou particular, a feira cultural converge para trocas de leituras e, nessas trocas, fortalece-se a comunidade de leitores da escola (Cosson, 2007, p. 67).

Assim, oportunizar que os estudantes frequentem espaços culturais como esses é também uma forma de dizer a eles que podem, sim, pertencer a lugares onde arte, cultura e literatura circulam. O direito à Literatura defendido por Antônio Candido (1995) deve ser reforçado, e esses momentos são excelentes oportunidades. Todos têm direito de ouvir e apreciar música, arte e literatura, sejam elas clássicas, eruditas ou populares. Mas, sem conhecer, não há como os estudantes saberem se gostam ou não. Assim, como bens incompressíveis, a arte e a literatura devem ser oportunizadas a todos. Dessa maneira, projetos como o que foi desenvolvido na Feira do Livro da cidade de Caxias do Sul, enriquecem, significativamente, a formação de leitores, mas

Para se realizar o registro da interpretação, nem sempre é necessário um grande evento como uma feira cultural. O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar (Cosson, 2007, p. 68).

Sabendo disso, o professor tem papel importante como mediador da leitura, ainda mais com os alunos de 6/7 anos, pois,

A partir dos 6/7anos- É o momento em que a criança começa a ler sozinha e vai descobrindo, através da palavra escrita, o mundo fascinante da linguagem, tão importante para sua formação. Os textos ainda devem ser breves, com uma dezena de páginas, onde a palavra e a imagem (ou ilustração) devem se integrar dinamicamente para atuar sobre o espírito do pequeno leitor. O entusiasmo do adulto, ao incentivar o caminho da criança através da leitura, é ainda muito importante nesta fase. Psicologicamente, as crianças precisam do apoio de alguém interessado no que elas fazem. E principalmente que as acompanhe, interessado, nas aventuras da aprendizagem, para que esta se processe de maneira natural. Afinal, aprendizagem é um jogo... e todo jogo precisa de parceiro (Coelho, 1993, p. 187).

Quando um adulto conta histórias, as crianças acabam percebendo o momento como forma de lazer e entretenimento, o que aproxima pessoas e melhora a sociabilidade. Além disso, através da leitura podemos ter contato com outras culturas, modos de viver e pensar no mundo. Assim como a cultura não é estática, a cada nova leitura vão surgindo novas interpretações e reflexões ao leitor.

E, falando sobre mediação, Geertz (2014, página) afirma que “a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação”. Dessa forma, a cultura passa a ser vista como um conjunto de significados transmitidos historicamente, ou seja, incorporados através de símbolos que se materializam em comportamentos. Sem homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativa, sem cultura não haveria homens. E é através da leitura que podemos conhecer várias culturas.

A leitura na infância possibilita a ampliação de vocabulário, incentiva a imaginação, a criação de histórias, a organização do pensamento e, ainda, a potencialização de argumentos. A leitura é uma atividade que pode ser incentivada, reforçada desde quando a criança ainda está sendo alfabetizada. Ouvir histórias é importante para que ela desenvolva a sua cognição, criatividade e entendimento sobre o mundo que circunda. Conforme afirma Dinorah (1995, p. 56-57), “controlar as emoções, educar os sentidos, desenvolver a imaginação e a lógica, são valores educativos da história que deverá atender a três finalidades: comover, instruir e agradar”. Assim,

O aprendizado da leitura não dispensa, desde o início da alfabetização, os livros para crianças. O trabalho de automatização da decodificação deve ser concomitante com o da leitura de textos variados. Daí, na iniciação literária desde a pré-escola, a importância dos livros de imagem, com ou sem texto escrito, no trabalho com as narrativas. Eles podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da decodificação (Faria, 2008, p. 22).

Ler para uma criança acaba fortalecendo o vínculo desta com quem lê, desenvolvendo a atenção, a concentração, o vocabulário, a memória e o raciocínio, auxiliando no desenvolvimento da empatia e estimulando a curiosidade, a imaginação e a criatividade, além de ajudar a criança a perceber e a lidar com os sentimentos e as emoções. Há, contudo, enquanto professores mediadores, a necessidade que algo fique muito claro: precisamos estar cientes sobre o que é decodificar e o que é ler.

Decodificar não é ler. É ter apenas adquirido a habilidade de identificar o signo que está aí, como se faz com os sinais de trânsito. É apenas olhar e saber que leitor forma a palavra leitor. Mas ler não é isto. Quando se produz o sentido, acontece a leitura.

Quanto mais informação, experiência, leituras anteriores, mais sentido vai ter o texto lido e mais leitor será o leitor (Yunes, 2004, p. 100).

Através da leitura, conhecemos culturas e as crianças também são seres atuantes que promovem culturas. Cohn (2005, página) conceitua criança atuante como: “aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais”. Portanto, as crianças não sabem menos que os adultos, apenas sabem coisas diferentes e têm outros interesses.

Partindo do interesse dos alunos, o que eles tinham como curiosidade a respeito do escritor Otávio Júnior, além de suas obras publicadas, era conhecer um pouco mais sobre ele como sujeito: família, gostos e viagens, por exemplo. Para eles, era como se estivessem perto de alguma celebridade. Antes do bate-papo com Otávio, os estudantes me disseram que nunca haviam conversado com um escritor; para eles, parecia ser algo bastante distante essa relação entre leitor e escritor. Esse momento foi mágico para as crianças.

Dinorah (1955) afirma que é incrível a empatia que se estabelece entre as crianças e o escritor, especialmente quando elas leram e gostaram de algum livro por ele escrito. A curiosidade das crianças é autêntica, e elas querem saber mais sobre os livros e sobre o autor, fazem perguntas com o maior desembaraço.

Através dessas perguntas e das trocas de conhecimentos e culturas, as crianças vão se constituindo como sujeitos leitores e formadores de cultura. Clarice Cohn (2005) destaca que cultura é o sistema simbólico que os atores sociais acionam para dar sentido às suas experiências e que está em constante transformação. Somos produzidos pela cultura, mas também produtores de cultura, ou seja, somos atores sociais. Nesse sentido, as crianças também são produzidas e produtoras de cultura, não sendo apenas receptáculos de costumes, valores e práticas.

Em um mundo globalizado, conectado pela internet, urbanizado, como delinear o que é uma cultura? Falamos de cultura ocidental, sabemos que temos algumas raízes comuns, na filosofia grega, na religião católica, no modo de produção capitalista, mas são muitas as especificidades geográficas, históricas e sociais de identidade existentes nessa ampla cultura ocidental. Sob esse grande "guarda-chuva" chamado da cultura no Ocidente, muitas questões estão em disputa.

Assim, questões culturais presentes nas obras de Otávio Júnior foram conhecidas pelos leitores, através das leituras e da mediação do adulto, no caso, a professora, quando em um dado momento da obra *Da minha janela* (2019, p. X), o narrador diz: “Da minha janela escuto sons que me deixam muito triste. Às vezes não posso ir para a escola, nem jogar bola lá fora”.

Nesse trecho o narrador se refere aos tiros, dentro do contexto da cidade do Rio de Janeiro, mas os tiros não estão explícitos na narrativa. Nessa situação, cabe ao professor fazer uma mediação, como a pergunta que fiz aos alunos: “Que sons vocês escutam através da janela da casa de vocês que lhe causam medo ou tristeza?” Eles me responderam que era o barulho do vento, das chuvas fortes e dos raios. Enfim, o que estávamos vivenciando naquele momento de enchentes no estado do Rio Grande do Sul.

As crianças, assim, devem ser ouvidas e os adultos precisam considerá-las como sujeitos sociais plenos. Suas curiosidades, dúvidas e interesses durante as leituras e em outras atividades com a literatura em sala de aula não devem ser silenciadas, pois o momento de escuta das crianças é importante também na formação delas como sujeitos leitores, sociais e culturais. Está certo que não devemos policiar a leitura dos alunos, mas precisamos acompanhar a leitura,

Porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura (Cosson, 2007, p. 62).

Atualmente não temos apenas uma história da leitura, como também uma sociologia da leitura, antropologia da leitura e psicologia da leitura, além das áreas que tradicionalmente se ocupam do tema como a pedagogia, a linguística e os estudos da linguagem em geral. O campo da leitura se expandiu de tal maneira que não se pode mais ter a pretensão de conhecer todas elas, mas desenvolvendo atividades com a leitura das obras selecionadas pelo projeto Passaporte da Leitura foi possível realizar um trabalho significativo que incentivou a formação de leitores.

Considerações Finais

O que se pode constatar, então, é que o projeto Passaporte da Leitura que foi desenvolvido em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental durante a Feira do Livro da de Caxias do Sul foi relevante para a formação dos alunos leitores. Foi realizada a mediação das leituras e das atividades, além da contação de histórias, explorando a ludicidade, curiosidade e imaginação das crianças.

Não é preciso, necessariamente, de uma Feira do Livro, de um projeto e de uma grande quantidade de livros dispostos aos alunos para promover a leitura, mas sim do trabalho

de qualidade desenvolvido pelos professores para a formação do leitor. Cabe aos docentes inicialmente apropriar-se da leitura dos livros antes de trabalhar com os alunos e realizar um projeto que possibilite a formação de leitores.

Outro ponto importante a ser destacado é que a possibilidade de participar de um projeto como esse facilita a inserção do sujeito ao universo literário e, de várias formas, a literatura acaba sendo apresentada a ele. Assim, o professor pode realizar um bom trabalho com os livros que são sorteados para a escola, desperta na criança o gosto pela leitura, possibilita que ela se torne um leitor.

As atividades que foram aplicadas com a turma, juntamente com o diálogo, contação de histórias e o momento do encontro com o escritor Otávio Júnior foram significativas na construção do conhecimento, nas trocas culturais, no interesse e no gosto pela leitura. Além disso, os livros *Da minha janela* (2019) e *De passinho em passinho* (2021) trazem ilustrações com qualidades essenciais ao olhar infantil, que dialogam com os textos de maneira harmoniosa e bela.

Sendo assim, o Passaporte da Leitura contribuiu na formação de leitores dessa turma de alunos de 6/7 anos. Foi útil na utilização da literatura como estímulo a novos conhecimentos e culturas, na promoção de um objetivo maior que extrapola práticas educativas na aproximação do leitor e escritor.

REFERÊNCIAS

ABERTA a 19ª edição do Passaporte da Leitura. Prefeitura de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 11 ago. 2023. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2023/08/aberta-a-19a-edicao-do-passaporte-da-leitura>. Acesso em: 12 ago. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria - Análise - Didática**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2013.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ENTREVISTA com Otávio Júnior. [S. I.]: Saraiva Conteúdo, 2009. P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k_8EH6KtxNE&t=293s. Acesso em: 24 ago. 2023.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 14.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

HISTÓRIA e a cena do passinho. **Blog da Letrinhas**, São Paulo, 18 ago. 2021. Disponível em: <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/A-historia-e-a-cena-do-passinho>. Acesso em XX mês. 2023.

JÚNIOR, Otávio. **Da minha Janela**. 1. ed. Companhia das Letrinhas, 2019.

JÚNIOR, Otávio. **De passinho em passinho**. 1. ed. Companhia das Letrinhas, 2021.

LEITURA Da minha janela, de Otávio Júnior AULA ONLINE. Rio de Janeiro: Sala de Leitura Virtual Sme Carioca, 2020. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vYjK-IwUoao&t=193s>. Acesso em: 22 ago. 2023.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs.). **A Experiência da Leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.